

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Nossa LUTA é CONTRA

... a **VIOLÊNCIA** de gênero!
... os homens que cometem violência!
... o **SISTEMA** que os protege!

As dirigentes sindicais do STU decidiram organizar várias atividades de protesto na Unicamp para marcar o Dia Internacional de Luta da Mulher - 8 de março.

Pela manhã haverá Roda de Conversa para discutir a situação da mulher e denunciar o machismo, a violência e a opressão.

Este espaço será aberto para que as mulheres da Unicamp façam suas denúncias e reclamações, apresentem sua situação e também elogiem, caso julguem pertinente.

Na ocasião será produzido o **Varal das Mulheres**, um espaço para dar visibilidade à luta e as demandas de gênero. Neste varal poderá

ser afixado cartaz, foto, poesia e qualquer outro tipo de manifestação artística. A intenção é dar liberdade para que elas pendurem o que quiser no varal coletivo.

O protesto do varal tem duplo sentido, pois serve para “pendurar as dores” decorrentes das opressões sofridas pelas mulheres dentro e fora da Unicamp e ainda expor qualquer tipo de manifesto artístico neste sentido.

Nosso ato ocorrerá em três períodos: de manhã em frente ao HC, à tarde no Pavilhão Básico e à noite no Caism. Teremos a partir do meio dia a Sorvetada da Sindicalização
Proteste pela vida de todas as mulheres!

#8DEMARÇO - “Hora M”

9h30 às 12h

Roda de Conversa e Varal das Mulheres (Praça em frente à rampa de acesso do HC - F3)

12h30 às 14h

Roda de Conversa, Varal das Mulheres e Sorvetada da Sindicalização (Pavilhão Básico)

19h30 às 21h

Mural da Mulher (Caism)

20h

Lanche Noturno (Caism)

POR UMA GREVE INTERNACIONAL DE MULHERES - #8M

No ano passado, 8 de março, mulheres de todos os tipos pararam de trabalhar e tomaram as ruas em 50 países ao redor do mundo numa jornada Internacional de Luta. Este ano não será diferente!

Organizações de vários países estão convocando uma greve no Dia Internacional de Luta das Mulheres defendendo a unidade entre os diferentes setores do feminismo e a difusão das mobilizações.

O manifesto “**Nós Paramos**” foi escrito por centenas de mulheres, coletivos feministas e outras organizações da Argentina e de toda a América Latina para denunciar a violência contra as mulheres e, sobretudo, a de-

sigualdade econômica e o impacto das políticas de ajuste em suas vidas.

A realização do chamado a partir dos movimentos da América Latina é importante devido à grande desigualdade econômica na maioria desses países. No Brasil, nós mulheres somos a maioria da população, mas ainda somos pouco representadas na política, temos renda 30% menor que dos homens, estamos submetidas ao machismo e à violência que decorre dele, à violência doméstica e ao assédio sexual, que é fruto da sociedade capitalista. Nosso país é o 7º que mais mata mulheres no mundo e em Campinas, a cada três dias, duas mulheres são estupradas. Além disso, a violência e a

discriminação recaem com mais força contra as mulheres negras, lésbicas, bissexuais e trans.

A sociedade nos delega a responsabilidade de cuidar do lar e da família, na maior parte das vezes sem nenhuma participação do parceiro na divisão de tarefas, acumulando dupla ou tripla jornada. E nos criminaliza por lutarmos pela legalização do aborto seguro, garantindo atendimento pelo SUS.

Uma das maneiras de adesão à luta é participar das atividades convocadas pelo STU, “**Hora M**”, para discutir e/ou protestar com as colegas de trabalho contra as desigualdades e desafios enfrentados pelas mulheres dentro e fora da Universidade.

Na Unicamp nossa luta é contra o preconceito e todas as formas de opressão e por igualdade, incluindo a questão salarial



No mercado de trabalho as mulheres sofrem com salários menores que os dos homens e assédio. E a precarização do trabalho, a desigualdade salarial, a perda de direitos, o sucateamento dos serviços públicos, a falta de moradia, os aumentos das tarifas públicas e do preço dos alimentos nos atingem diretamente.

No caso das mulheres negras a desigualdade é potencializada pelo racismo. Elas recebem salários ainda menores que as mulheres brancas e estão no topo da pirâmide do desemprego.

A realidade da Unicamp não se difere do restante do país. Apesar de sermos maioria dentro da Universidade ocupamos poucos cargos de chefia. E a prevalência de mulheres negras no serviço terceirizado é visível.

Mulheres na Luta

Ao longo deste tempo tivemos um crescimento no número de diretoras dentro do sindicato. E na atual gestão (2017-2020) ocupamos quase 50% da diretoria do STU, uma grande vitória. Mas é preciso ampliar esse quadro para dar mais visibilidade à nossa luta.

Luta que já garantiu importantes conquistas como a criação da creche com a construção do primeiro prédio para o CECI Maternal, fruto da organização das mães que não tinham onde deixar seus filhos. E tempos depois conseguiram garantir a extensão do programa para atender as trabalhadoras da Saúde, espaço que foi ampliado e chegou ao complexo do sistema DEdIC. Na Área da Saúde, formada em sua maioria por mulheres, foi

criada uma comissão de funcionários do HC que teve papel fundamental na organização dos trabalhadores e trabalhadoras para a transição do hospital localizado no Centro de Campinas (Santa Casa) para Barão Geraldo. Um marco na história da saúde da cidade e também um salto de qualidade no atendimento dentro da Unicamp.

As mulheres também estão na dianteira da luta por isonomia salarial com a USP, fim do assédio moral, respeito às gestantes e mães na garantia do direito à maternidade, melhores condições de trabalho, equiparação salarial com os homens e combate a toda forma de violência e opressão.

O STU reafirma sua luta em defesa da mulher e destaca que qualquer funcionária gestante ou lactante trabalhando em local insalubre deve denunciar a situação ao sindicato. Vamos exigir sua transferência para assegurar a sua qualidade de vida e a do seu bebê. Isso vale também para os assédios moral e sexual, que não serão tolerados.

Elas também repudiam a Reforma da Previdência e todas as políticas contra os direitos trabalhistas que impactam negativamente suas vidas.

As mulheres da Unicamp defendem a legitimidade da greve internacional #8M não só por repudiar todas as formas de opressão machista e o direito de viver uma vida livre de violência, contra os feminicídios, mas por querer também o fim da exploração capitalista que nos oprime e empobrece.

#NenhumDiretoAMenos

#8DEMARÇO

Ato Unificado em São Paulo

Acontece hoje (8), às 16h, em São Paulo o ato estadual *"Pela Vida das Mulheres: Democracia e Soberania - Temer Sai, Fica Aposentadoria!"*. Será na Praça Oswaldo Cruz - Vl. Mariana.

Nesta data as mulheres vão ocupar as ruas por seus direitos.

De Campinas sairá uma caravana às 15h, do Largo do Pará. Mais informações e reserva de vaga ligue para a Subsede da CUT, telefone 3234-0632.

Neste momento de profundos ataques aos direitos da classe trabalhadora é fundamental nos somarmos à luta contra o pacote de maldades dos governos Temer e Alckmin que atingem gravemente nossos direitos.

Mulheres vão às ruas em Campinas para protestar



No último sábado (3), centenas de mulheres ocuparam as ruas centrais da cidade no ato que foi parte das manifestações do dia 8 de março.

Com a denúncia *"Pela Vida das Mulheres, Democracia e Soberania: Temer sai, Fica Aposentadoria"*, a marcha saiu da Estação Cultura e seguiu até a Catedral Metropolitana de Campinas.

No ato unificado elas defendiam aposentadoria para as mulheres aos 30 anos de contribuição, equiparação salarial, mais investimento público no setor social e a liberdade de decidir sobre seu corpo.

Uma grande ciranda com as integrantes da marcha marcou a atividade que foi encerrada com várias apresentações artísticas de mulheres.

Com informações e foto: Jornalistas Livres/Campinas